

KARL OVE KNAUSGÅRD

A morte do pai

Minha luta 1

Tradução do norueguês
Leonardo Pinto Silva



Copyright © 2009 by Forlaget Oktober A/S

Esta tradução foi publicada com o apoio financeiro de NORLA.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Min Kamp I

Capa

warrakloureiro

Imagen de capa

<?>

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Valquíria Della Pozza

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Knausgård, Karl Ove

A morte do pai : minha luta 1 / Karl Ove Knausgård ; tradução do norueguês Leonardo Pinto Silva. — 1^aed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original : Min Kamp I

ISBN 978-85-359-2250-9

1. Literatura norueguesa 2. Romance autobiográfico
1. Título.

13-02141

CDD-839.823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norueguesa 839.823

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Para o coração a vida é simples: ele bate enquanto puder. E então para. Cedo ou tarde, mais dia, menos dia, cessa aquele movimento repetitivo e involuntário, e o sangue começa a escorrer para o ponto mais inferior do corpo, onde se acumula numa pequena poça, visível do exterior como uma área escura e flácida numa pele cada vez mais pálida, tudo isso enquanto a temperatura cai, as juntas enrijecem e as entranhas se esvaem. Essas transformações das primeiras horas se dão lentamente e com tal constância que há um quê de ritualístico nelas, como se a vida capitulasse diante de regras determinadas, um tipo de *gentlemen's agreement* que os representantes da morte respeitam enquanto aguardam a vida se retirar de cena para então invadir o novo território. Por outro lado, é um processo inexorável. Bactérias, um exército delas, começam a se alastrar pelo interior do corpo sem que nada possa detê-las. Houversem tentado apenas algumas horas antes, e teriam enfrentado uma resistência cerrada, mas agora tudo em volta está calmo, e elas avançam pe-

las profundezas escuras e tímidas. Chegam aos canais de Havers, às glândulas de Lieberkühn, às ilhotas de Langerhans. Chegam à cápsula de Bowman nos rins, à coluna de Clarke na medula, à substância escura no mesencéfalo. E chegam ao coração. Ele continua intacto, mas se recusa a pulsar, atividade para a qual toda a sua estrutura foi construída. É um cenário desolador e estranho, como uma fábrica que trabalhadores tivessem sido obrigados a evacuar às pressas, os veículos parados a projetar a luz amarela dos faróis na escuridão da floresta, os galpões abandonados, os vagões carregados sobre os trilhos, um atrás do outro, estacionados na encosta da montanha.

No exato instante em que a vida abandona o corpo, ele passa para os domínios da morte. As lâmpadas, as malas, os tapetes, as maçanetas, as janelas. A terra, os campos, os rios, as montanhas, as nuvens, o céu. Nada disso nos é estranho. Estamos permanentemente rodeados por objetos e fenômenos do mundo dos mortos. Ainda assim, poucas coisas nos causam mais desconforto do que ver alguém preso a essa condição, ao menos se julgarmos pelos esforços que empreendemos para manter os cadáveres longe dos nossos olhos. Nos grandes hospitais eles não são apenas escondidos em ambientes isolados, os corredores que levam até eles são ermos, com elevadores e acessos privativos, e, mesmo que acidentalmente topemos com eles, serão apenas corpos empurrados sobre macas, sempre cobertos por lençóis. Quando deixam o hospital, fazem-no por uma saída própria e são transportados em carros com vidros escurecidos, nas igrejas são velados em salões sem janelas, durante o funeral estão em caixões lacrados, até afundarem numa cova ou serem consumidos no calor de um forno. Difícil enxergar um objetivo prático em tudo isso. Os cadáveres poderiam muito bem, por exemplo, ser conduzidos descobertos pelos corredores dos hospitais e transportados em carros comuns sem representar risco a quem quer que fosse. O

homem idoso que morre numa sessão de cinema poderia, da mesma forma, permanecer no seu assento até o filme terminar, ou durante a sessão seguinte. O professor que sofre um ataque súbito e tomba no pátio da escola não tem necessariamente que ser retirado dali no mesmo instante, não faz mal nenhum que o corpo continue no chão até que o zelador tenha tempo de cuidar dele, ainda que mais para o fim da tarde, talvez mesmo à noite. Se um pássaro decidir pousar sobre ele para bicá-lo, que diferença fará? Porventura o destino que o aguarda na cova será melhor somente porque não o presenciaremos? Contanto que o corpo não esteja bloqueando uma rua, não é preciso pressa, pois ele não vai morrer outra vez. Nesse caso, os dias de frio extremo no inverno são especialmente propícios. Mendigos que morrem congelados em bancos de praça ou debaixo de marquises, suicidas que saltam de prédios altos ou de pontes, senhoras idosas que despencam de escadarias, vítimas presas nas ferragens de veículos, o garoto embriagado que cai na água depois de uma noitada na cidade, a garotinha que vai parar debaixo do pneu de um ônibus, por que a pressa em ocultá-los? Decoro? O que seria mais decoroso que permitir ao pai e à mãe daquela garota encontrá-la uma ou duas horas mais tarde, deitada na neve ao lado do local do acidente, a cabeça esmagada tão visível quanto o restante do corpo, o cabelo empapado de sangue e o casaco imaculado? A céu aberto, sem segredos, do jeito que estava. Mas mesmo uma hora na neve é impensável. Uma cidade que não mantenha seus mortos longe dos olhos, que os deixe jazer nas ruas e calçadas, parques e estacionamentos, não é uma cidade, e sim um inferno. Não importa que esse inferno reflita de modo mais realista e profundo nossa conduta. Sabemos que ela é assim, mas nos recusamos a encará-la. Eis o ato coletivo de repressão simbolizado no ocultamento dos nossos mortos.

O que exatamente está sendo reprimido não é, porém, tão

fácil dizer. A morte em si não pode ser, pois sua presença na sociedade é grande o bastante. O número de mortes diariamente anunciado nos jornais ou mostrado nos noticiários de TV varia conforme as circunstâncias, mas a média anual tende a ser uma constante, e, sendo divulgado por tantos meios de comunicação, é impossível ignorá-lo. *Essa* morte, contudo, não parece ameaçadora. Ao contrário, é algo que nos apetece, pagamos de bom grado paravê-la. Se acrescentarmos a enorme quantidade de mortes produzidas pela ficção, torna-se ainda mais difícil entender o sistema que mantém os mortos longe dos nossos olhos. Se o fenômeno da morte não nos assusta, por que o desconforto diante de um cadáver? Isso pode significar que, ou há dois tipos de morte, ou há uma contradição entre nossa concepção de morte e a morte como ela é de fato, o que no fim dá na mesma: o que importa aí é que nossa concepção de morte está tão entranhada na nossa consciência que não só nos abalamos ao perceber que a realidade diverge dela, mas também procuramos ocultar isso de todas as maneiras. Não por algum tipo de vontade consciente, como ocorre com as cerimônias fúnebres, cuja forma e conteúdo hoje em dia são discutíveis, e portanto passaram da esfera do irracional para a do racional, do coletivo para o individual, não, o modo como nos desfazemos de cadáveres jamais foi objeto de discussão, apenas esse é o modo como temos agido, diante de uma necessidade cuja razão ninguém sabe explicar mas que todos intuem: se seu pai morre no gramado durante uma forte ventania na manhã de um domingo de outono, você o carrega para dentro de casa se conseguir, caso contrário, ao menos o cobre com uma manta. Porém, esse impulso não é o único que temos em relação aos mortos. Tão evidente quanto o impulso de esconder corpos é o fato de que precisamos levá-los para o térreo o mais rápido possível. É quase inconcebível um hospital que transporte seus cadáveres para o topo do prédio, um hospital

em que as câmaras refrigeradas e as salas de necropsia estejam situadas nos andares mais altos. Os mortos são mantidos o mais perto possível do térreo. E o mesmo princípio é válido para as empresas que se encarregam deles: uma seguradora pode muito bem ter seus escritórios no oitavo andar, mas uma funerária jamais. Todas as funerárias funcionam o mais próximo possível do nível da rua. Por que deve ser assim é difícil dizer, poderíamos ser tentados a acreditar que isso se baseou numa antiga convenção, a qual inicialmente tinha uma razão prática, o frio do porão, por exemplo, mais adequado para conservar corpos, e que esse princípio durou até nossa era de refrigeradores e câmaras frias, não fosse a noção de que transportar cadáveres para o alto de edifícios parece algo *contrário às leis da natureza*, como se altura e morte fossem incompatíveis. Como se fôssemos tomados por uma espécie de instinto ctônico, algo no nosso íntimo que nos compelle a guiar a morte à terra de onde viemos.

Pode, portanto, parecer que a morte se divide em dois sistemas distintos. Um é associado ao ocultamento e à discrição, à terra e à escuridão, o outro tem a ver com a abertura e a leveza, com o éter e a luz. Um pai e seu filho são mortos quando o pai tenta resgatar a criança da linha de tiro numa cidade qualquer do Oriente Médio, e a imagem dos dois abraçados enquanto os projéteis atravessam a carne, fazendo chacoalhar seus corpos por assim dizer, é capturada pelas câmeras, transmitida para um dos milhares de satélites em órbita na Terra, e ganha as telas de TV do mundo, de onde penetra em nossa consciência como mais uma imagem da morte ou de moribundos. Essas imagens não têm peso, profundidade, tempo ou lugar, nem têm ligação alguma com os corpos dos quais provêm. Não estão em lugar nenhum e estão em todos os lugares. A maioria delas apenas passa por nós e

se vai, algumas poucas, por razões insondáveis, permanecem nos recantos escuros do nosso cérebro. Uma esquiadora amadora cai e uma artéria da sua coxa se rompe, o sangue escorre deixando uma trilha vermelha na colina branca, ela morre bem antes de a descida do corpo cessar. Um avião decola, as chamas irrompem das asas assim que ele ganha altura, o avião explode numa bola de fogo atrás dos telhados das casas emoldurados pelo azul do céu. Certa noite, um barco pesqueiro afunda no norte da Noruega, sete membros da tripulação morrem afogados, na manhã seguinte o incidente é notícia em todos os jornais, e é considerado um mistério, o tempo estava bom e nenhum chamado de emergência partiu do barco, ele simplesmente desapareceu, algumas estações de TV deixaram isso bem claro naquela noite, sobrevoando em helicópteros o local da tragédia e exibindo imagens do mar vazio. O céu está nublado, apesar das ondas a água cinza-esverdeada está calma, como se tivesse um temperamento bem diferente da arrebentação, que espalha aqui e ali uma espuma branca pela superfície. Sozinho eu assisto àquilo, num dia qualquer de primavera, acho, pois meu pai está cuidando do jardim. Fixo o olhar na superfície do mar, sem ouvir o que diz o repórter, *e de repente emerge o contorno de um rosto*. Não sei por quanto tempo ele permanece ali, segundos talvez, mas tempo suficiente para me causar um enorme impacto. No mesmo instante em que o rosto desaparece, levanto-me e procuro alguém a quem contar o que vi. Minha mãe está no plantão noturno, meu irmão está jogando futebol, e as demais crianças da vizinhança não vão me dar ouvidos, então só resta papai, penso, e desço as escadas depressa, enfilo os pés nos sapatos, os braços nas mangas do casaco, abro a porta e dou a volta na casa correndo. Estamos proibidos de correr no jardim, então, antes que ele possa me ver, diminuo a velocidade e passo a andar. Ele está nos fundos da casa, debaixo do que se tornará uma horta, batendo com

uma marreta num afloramento de rocha. Embora o vão esteja a poucos metros de profundidade, a terra escura do solo que ele escavou e a densa mata de sorveiras que cresce atrás da cerca ao fundo parecem ter atraído toda a escuridão do crepúsculo para o nível do chão. Quando ele se ergue e se vira para mim, seu rosto é quase uma sombra.

No entanto, isso é mais que suficiente para que eu saiba qual o seu estado de ânimo. Não se trata de algo que esteja nas suas expressões faciais, e sim na postura corporal, nem é à razão que recorro para descobri-lo, mas à intuição.

Ele deposita a marreta no chão e tira as luvas.

“E aí?”, diz.

“Acabei de ver na TV um rosto no mar”, responde, parado no gramado acima da cabeça dele. O vizinho derrubou um pinheiro mais cedo nessa tarde, e o ar está tomado pelo forte aroma de resina que emana das achas empilhadas do outro lado do muro de pedra.

“Um mergulhador?”, pergunta papai. Ele sabe que me interesso por mergulho submarino, e não consegue imaginar outra coisa que me interessasse a ponto de eu sair de casa para lhe contar.

Balanço a cabeça.

“Não era uma pessoa. O que eu vi no mar foi uma espécie de imagem.”

“Uma espécie de imagem, é?”, diz ele, tirando do bolso da camisa um maço de cigarros.

Faço que sim com a cabeça e me viro para ir embora.

“Espere um pouco”, ele diz.

Acende um fósforo e inclina a cabeça na direção da chama, que lança uma pequena réstia de luz no crepúsculo cinzento.

“Muito bem”, diz.

Depois de uma tragada profunda, apoia um pé na rocha e

olha para a floresta do outro lado da rua. Ou talvez para o céu acima das árvores.

“Foi Jesus que você viu?”, pergunta, voltando-se para mim. Não fosse o tom de voz amistoso e a longa pausa antes da pergunta, eu teria achado que ele estava zombando. Para ele é um tanto constrangedor o fato de eu ser cristão, só o que quer de mim é que eu não me isole dos outros garotos, e, entre todos os garotos da vizinhança, seu filho caçula é o único que se diz cristão.

Mas ele está falando sério.

Sinto um sopro de felicidade por ele se interessar de verdade, embora ainda me sinta um pouco ofendido pelo fato de me subestimar dessa forma.

Balanço a cabeça.

“Não foi Jesus que eu vi.”

“É quase um alívio ouvir isso”, diz papai, sorridente. Dá para ouvir o ruído de pneus de bicicleta rolando sobre o asfalto no alto da colina. O som aumenta, e tudo está tão quieto que podemos ouvir claramente o eco daquele ruído, e logo em seguida a bicicleta cruza a rua diante de nós.

Meu pai dá mais uma tragada antes de jogar o cigarro, fumado pela metade, por cima da cerca, e então tosse algumas vezes, calça as luvas e novamente empunha a marreta.

“Não pense mais nisso”, diz, olhando para mim.

Eu tinha oito anos naquele fim de tarde, meu pai trinta e dois. Embora até hoje eu não possa afirmar que o compreendia ou sabia que tipo de pessoa ele era, o fato é que agora sou sete anos mais velho que ele na época, e isso torna mais fácil entender certas coisas. Por exemplo, como é abissal a diferença entre nossas vidas. Enquanto meus dias eram repletos de significado,

cada passo levando a uma nova oportunidade, e cada oportunidade me preenchendo, de um jeito hoje difícil de entender, o significado dos seus dias não se limitava a eventos individuais, mas abrangia áreas tão extensas que não era possível compreendê-las senão em termos abstratos. “Família” era um, “carreira” outro. Poucas oportunidades, talvez nenhuma, se abriram para ele no decorrer da sua existência, ele tinha sempre que saber de antemão o que elas lhe trariam e como iria reagir. Fora casado por doze anos, trabalhara como professor de uma escola fundamental em oito deles, tivera dois filhos, uma casa e um carro. Elegera-se para a Câmara e fora escolhido representante do Partido de Esquerda no conselho municipal. Durante os meses de inverno ocupava-se da filatelia, não sem algum progresso: em pouco tempo se tornara um dos filatelistas mais destacados da região, enquanto nos meses de verão era a jardinagem que lhe tomava a maior parte do tempo livre. Do que ele pensou daquele entardecer de primavera não faço a menor ideia, tampouco sei da imagem que tinha de si mesmo ao se erguer na escuridão empunhando uma marreta, mas estou convencido de que ele tinha a sensação de que comprehendia muito bem suas circunstâncias. Ele conhecia todos os vizinhos e sabia qual a posição social que ocupavam em relação a ele, e imagino que também soubesse um pouco de assuntos que preferiam manter em segredo, tanto porque ele lecionava aos seus filhos como porque tinha um olho clínico para fraquezas alheias. Como membro da nova classe média escolarizada, era igualmente bem informado sobre o mundo, que lhe chegava todos os dias via jornal, rádio e televisão. Dominava botânica e zoologia, pois tinha se interessado por essas disciplinas quando jovem e, embora não fosse muito versado nas demais ciências, lembrava-se dos fundamentos destas da época do ginásio. Saía-se melhor em história, que, a exemplo de norueguês e inglês, estudara na universidade. Em outras palavras, não

era um expert em nada, exceto talvez em pedagogia, mas, enfim, sabia um pouco de tudo. Nesse aspecto era um professor típico, porém numa época em que lecionar numa escola fundamental conferia certo status. O vizinho do outro lado do muro de pedra, Prestbakmo, era professor da mesma escola, assim como o que morava no alto da colina repleta de árvores atrás da nossa casa, Olsen, enquanto um dos vizinhos que morava no fim do anel viário, Knudsen, era o supervisor de ensino de outra escola fundamental. Então, quando meu pai erguia a marreta acima da cabeça e a deixava cair sobre a rocha naquele entardecer de primavera da metade da década de 1970, fazia isso num mundo que conhecia bem e que lhe inspirava confiança. Somente ao atingir aquela mesma idade eu fui entender que é preciso pagar um preço por isso. Quando sua perspectiva de mundo se amplia, não mitiga apenas a dor que acarreta, mas também o sentido dessa dor. Compreender o mundo requer que se mantenha uma certa distância dele. Ampliamos aquilo que é pequeno demais para ser visto a olho nu, como moléculas e átomos, enquanto minimizamos grandezas como formações de nuvens, deltas de rios, constelações. Somente ao trazer as coisas para a dimensão dos nossos sentidos é que somos capazes de fixá-las. E a essa fixação chamamos conhecimento. Ao longo de toda a infância e juventude lutamos para manter a distância adequada das coisas e dos fenômenos. Lemos, aprendemos, experimentamos, corrigimos. E aí um dia chegamos ao ponto em que todas as distâncias de que necessitamos foram determinadas, todos os sistemas de que necessitamos foram estabelecidos. É quando o tempo começa a passar mais rápido. Ele não encontra mais obstáculos, tudo está determinado, o tempo se esvai pela nossa vida, os dias passam num piscar de olhos, e, antes que nos demos conta do que está acontecendo, completamos quarenta, cinquenta, sessenta anos... Sentido requer conteúdo, conteúdo requer tempo, tem-

po requer resistência. Conhecimento é distância, conhecimento é deixar-se estar e é inimigo do sentido. A imagem que tenho do meu pai naquele entardecer de 1976 é, em outras palavras, dupla: por um lado, vejo-o como o vi daquela vez, com os olhos de um menino de oito anos: imprevisível e assustador, por outro lado o vejo como a um igual, cujo tempo de vida está sendo arrancado em grandes nacos, que carregam com eles o sentido da existência.

O barulho do impacto da marreta contra a rocha reverberava na vizinhança. Um carro, luzes acesas, desceu a rua principal percorrendo a suave inclinação da colina. A porta da casa vizinha se abriu, Prestbakmo ficou parado na entrada, tirou do bolso um par de luvas de trabalho, e pareceu desfrutar do ar fresco da noite antes de suspender o carrinho de mão e empurrá-lo sobre o gramado. Havia um cheiro de betume proveniente da rocha que meu pai golpeava, de pinho que emanava das achas atrás do muro de pedra, de terra recém-escavada e de floresta, e a briosa boreal recendia uma leve maresia. Pensei no rosto que tinha visto no mar. Havia se passado apenas alguns minutos, tudo se transformara, agora era o rosto do meu pai que eu via.

Lá embaixo, no vão, meu pai parou de martelar a rocha.

“Continua aí, garoto?”

Fiz que sim com a cabeça.

“Pois trate de ir já para dentro.”

Eu comecei a caminhar.

“E não se esqueça, Karl Ove.”

Parei e virei o rosto com uma expressão de dúvida.

“Sem correr desta vez.”

Encarei-o, admirado. Como sabia que eu tinha corrido?

“E feche essa boca. Você fica parecendo um idiota.”

Fiz o que ele disse, fechei a boca e dei a volta na casa, devagar. Quando cheguei ao jardim, vi a rua tomada por garotos. Os mais velhos formavam um grupo com suas bicicletas, que no lusco-fusco pareciam uma extensão do corpo deles. Os mais novos brincavam de pique-bandeira. Os que haviam sido pegos ficavam dentro de um círculo desenhado a giz no asfalto, os demais estavam escondidos pela floresta rente à estrada, longe dos olhos de quem guardava a bandeira, mas não dos meus.

As luzes vermelhas dos mastros na ponte brilhavam acima da copa negra das árvores. Outro carro desceu a colina. A luz dos faróis iluminou primeiro os ciclistas, um rápido reflexo de refletores, metal, jaquetas acolchoadas, olhos negros e rostos pálidos, depois as crianças, que haviam se afastado o suficiente para dar passagem ao veículo, e agora estavam ali paradas como fantasmas, o olhar perdido.

Eram os Trollnes, pais de Sverre, um garoto da minha classe. Parecia que não estava com eles.

Virei-me e acompanhei as lanternas vermelhas do carro até que sumissem no sopé da colina. Depois entrei em casa. Tentei deitar na cama e ler, mas não consegui relaxar, e fui até o quarto de Yngve, de onde poderia ver papai. Ao avistá-lo, tive uma sensação de segurança que, na verdade, era o mais importante. Eu conhecia seus estados de ânimo e, havia muito tempo, aprendera a prevê-los, com a ajuda de uma espécie de sistema subconsciente de categorias, me dei conta mais tarde, no qual a relação entre algumas constantes bastava para determinar o que me esperava, de modo que eu teria como me preparar. Uma espécie de meteorologia da mente... A velocidade do carro subindo em direção à casa, o tempo que ele levava para desligar o motor, pegar suas coisas e descer, a maneira como olhava em torno ao trancar a porta do carro, as nuances dos diversos ruídos que provenham do hall de entrada quando ele tirava o casaco, tudo era

um sinal, tudo podia ser interpretado. A isso eu acrescentava a informação sobre onde ele estivera e com quem, quanto tempo demorara, até poder chegar a uma conclusão, única parte consciente de todo o processo. O que mais me apavorava era quando ele chegava *sem aviso...* quando, por alguma razão, eu era pego *distraído...*

Como, afinal, ele sabia que eu tinha corrido?

Não era a primeira vez que ele me flagrava de um jeito que eu achava incompreensível. Uma noite naquele outono, por exemplo, eu havia escondido um saquinho de doces debaixo do edredom, exatamente porque tive a sensação de que ele viria até o quarto e jamais iria acreditar na minha explicação de como conseguira dinheiro para comprá-los. Dito e feito, ele entrou no quarto e me encarou por alguns instantes.

“O que é que você escondeu aí na cama?”, perguntou.

Como ele *podia* saber?

Lá fora, Prestbakmo acendeu a luz forte instalada sobre a bancada onde costumava trabalhar. A nova ilha de luz que emergiu da escuridão me deixou vislumbrar uma série de objetos para os quais ele olhava com cobiça. Uma fileira de latas de tinta, potes com pincéis, tábuas, pedaços de lixa, lonas dobradas, pneus de automóvel, o quadro de uma bicicleta, algumas caixas de ferramenta, latas de pregos e parafusos de todos os tamanhos e tipos, uma bandeja de caixas de leite com mudas de flores, sacos de cal, uma mangueira enrolada e, encostado na parede, um quadro com contornos de todo tipo de ferramenta, provavelmente destinado ao cômodo no porão onde ele se dedicava a seus hobbies.

Quando tornei a olhar para papai, ele estava cruzando o gramado com a marreta numa das mãos e uma pá na outra. Rapidamente dei dois passos para trás. Ao mesmo tempo a porta da frente se abriu. Era Yngve. Eu olhei as horas. Oito e vinte e oito.

Logo depois ele subia as escadas com o jeito familiar, um tanto desengonçado, parecido com o de um pato, com que costumávamos andar para nos locomover depressa sem fazer barulho. Estava sem fôlego e tinha as bochechas coradas.

“Cadê o papai?”, perguntou, assim que entrou no quarto.

“No jardim”, eu disse. “Mas você não está atrasado. Olhe aqui, são oito e meia *agora*.”

Estendi o braço com o relógio.

Ele passou por mim e arrastou a cadeira da escrivaninha. Estava impregnado do cheiro lá de fora. Ar frio, floresta, cascalho, asfalto.

“Você mexeu nas minhas fitas?”, perguntou.

“Não.”

“O que está fazendo no meu quarto, então?”

“Nada.”

“Que acha de ir não fazer nada no seu quarto?”

Lá embaixo, a porta da frente voltou a se abrir. Dessa vez eram os passos pesados de papai. Ele havia tirado as luvas lá fora, como costumava fazer, e se dirigia ao lavabo para se trocar.

“Eu vi um rosto no mar no noticiário da TV hoje”, eu disse. “Você ouviu algum comentário? Sabe de alguém mais que tenha visto?”

Yngve me olhou com uma expressão que era metade curiosidade e metade desdém.

“O que é que você está matraqueando?”

“Sabe o pesqueiro que afundou?”

Ele assentiu quase imperceptivelmente.

“Quando eles mostraram na TV o local onde ele afundou, eu vi um rosto no mar.”

“De um cadáver?”

“Não. Não era um rosto de verdade. Foi o mar que tomou a forma de um rosto.”

Ele me olhou sem dizer nada. Depois levou o indicador à têmpora.

“Não acredita em mim?”, perguntei. “É a mais pura verdade.”

“A verdade é que você é um inútil.”

Assim que papai fechou a torneira lá embaixo, eu achei melhor ir para o meu quarto, para não me arriscar a topar com ele no corredor. Mas não queria que Yngve tivesse a última palavra.

“Você que é um inútil”, eu disse.

Ele nem se deu ao trabalho de retrucar. Apenas virou o rosto para mim, com os incisivos à mostra, e soprando por entre eles como um coelho. Era uma alusão aos meus dentes proeminentes. Eu me virei e saí do quarto antes que ele visse que eu estava chorando. Contanto que estivesse sozinho, não havia problema em chorar. E dessa vez tinha dado certo, não é? Ele não conseguia ver.

Já dentro do meu quarto, parei diante da porta e fiquei pensando se não deveria ir ao banheiro. Poderia lavar o rosto com água fria e disfarçar as marcas reveladoras. Como papai já estava subindo as escadas, tive que me contentar em enxugar os olhos nas mangas do suéter. O atrito do tecido com meus olhos marejados, dispersando as lágrimas sem propriamente enxugá-las, fez com que os contornos e as cores do quarto ficassem borradados, como se eu tivesse subitamente afundado na água e agora estivesse submerso, e essa sensação era tão vívida que fui até a escrivaninha dando braçadas pelo ar. Eu me imaginava usando um capacete de metal de um escafandro, dos primórdios do mergulho submarino, quando os mergulhadores usavam botas de chumbo e roupas de um tecido tão grosso quanto a pele de um elefante, e um tubo de oxigênio que saía da cabeça deles como uma tromba. Soltei o ar pela boca em pequenos sopros e cambaleei por uns instantes com aqueles movimentos lentos e

pesados dos mergulhadores de outrora, até que o horror daquela sensação começou a inundar meu corpo como água fria.

Meses antes eu havia assistido na TV à série *A ilha misteriosa*, baseada no romance de Júlio Verne, e desde o primeiro episódio a história daqueles homens que sobreviviam à queda de um balão numa ilha deserta no Atlântico me causou um enorme impacto. Tudo era excitante. O balão, a tempestade, os homens com suas roupas do século XIX, a ilha dourada e paradisíaca onde tinham aterrissado, que provavelmente nem era tão deserta quanto acreditavam, coisas misteriosas e inexplicáveis não cessavam de acontecer ao seu redor... mas quem eram, afinal, os outros? A resposta veio inadvertidamente no fim de um episódio. Havia alguém nas cavernas submarinas... criaturas humanoides, muitas delas... à luz das lanternas que carregavam, eles viram reflexos de cabeças sem contorno, semelhantes a máscaras... barbatanas... pareciam um tipo de lagarto, mas andavam erguidos... nas costas carregavam uma espécie de caixa... um deles ficou de frente e não tinha olhos...

Não gritei quando vi essas coisas, mas o horror das imagens tomou conta de mim e se recusou a me abandonar, mesmo em plena luz do dia aquele horror me abatia, bastava que eu imaginasse os homens-sapo na caverna. E agora em meus pensamentos eu me transformava num deles. Minha respiração passou a ser a deles, minhas pegadas, meus braços eram os deles, e, quando fechava os olhos, era o seu rosto sem olhos que eu via diante de mim. A caverna... a água escura... um bando de homens-sapo com lanternas na mão... Era algo que não me saía da cabeça, mesmo quando eu tornava a abrir os olhos. Embora visse que estava no meu quarto, cercado de objetos familiares, o horror não me deixava. Mal conseguia piscar, temendo que alguma coisa fosse acontecer. Rijo de medo, sentei na cama, alcancei minha mochila apenas tateando, dei uma olhada na agenda escolar,

achei a quarta-feira, li o que estava escrito, *matemática, orientação, música*, pus a mochila no colo e passei a folhear mecanicamente os livros lá dentro. Isto feito, peguei o livro aberto em cima do travesseiro, encostei-me na parede e comecei a ler. Os segundos que se passavam entre o instante em que eu erguia a cabeça da leitura e o instante seguinte logo se tornaram minutos, e, quando papai gritou que era hora do jantar, às nove em ponto, já não era o horror que me dominava, mas o livro. Largá-lo foi um esforço e tanto.

Nós não tínhamos permissão para cortar o pão sozinhos, nem para usar o fogão, então quem preparava o jantar era sempre mamãe ou papai. Quando mamãe estava de plantão, papai fazia tudo: chegávamos à cozinha e à nossa espera já havia dois copos de leite e dois pratos, cada um com quatro fatias de pão com alguma coisa em cima. As fatias ele costumava deixar prontas mais cedo, punha-as na geladeira, elas esfriavam e ficava difícil engolir o pão, ainda que eu gostasse do que ele escolhera como acompanhamento. Quando mamãe estava em casa, as fatias eram preparadas na mesa, por ela ou por nós, e podíamos escolher o que pôr na mesa e o que queríamos de acompanhamento, além disso o pão era deixado à temperatura ambiente, o que bastava para nos proporcionar uma sensação de liberdade: podíamos abrir a porta do armário, pegar os pratos, que sempre retiniam ao se chocarem uns com os outros, e colocá-los na mesa, podíamos abrir a gaveta de talheres, que sempre tilintavam, e pôr as facas ao lado dos pratos, podíamos pôr também os copos, abrir a geladeira, pegar o leite e servi-lo, e tínhamos certeza de que depois poderíamos abrir a boca e falar. Uma coisa levava a outra quando fazíamos a refeição com mamãe. Conversávamos sobre qualquer coisa que nos passasse pela cabeça, ela

se interessava pelo que dizíamos, e, se derramássemos um pouco de leite ou, distraídos, puséssemos o saquinho de chá em cima da toalha (pois ela costumava fazer chá para nós), não tinha tanta importância. Contudo, se nossa contribuição no preparo da refeição dava o tom da nossa estreita liberdade, a proximidade ou não do meu pai dava a medida do seu impacto. Se ele estivesse fora de casa ou no escritório do térreo, conversávamos alto e sem inibições, gesticulando o quanto queríamos, se pusesse os pés na escada, automaticamente baixávamos o tom de voz e mudávamos o rumo da conversa, caso estivéssemos falando de algo que achávamos que ele não aprovaria, se entrasse na cozinha, nós nos calávamos, ficávamos duros como tábuas, demonstrando para todos os fins nossa concentração total na comida, se ele seguisse para a sala, retomávamos a conversa, porém mais discretos e atentos.

Naquela noite, os pratos com as quatro fatias já preparadas esperavam por nós quando chegamos à cozinha. Uma com queijo de cabra adocicado, uma com queijo amarelo, uma com sardinha ao molho de tomate, uma com queijo temperado com cravo. Eu não gostava de sardinha, mas comi essa fatia primeiro. Não suportava peixe, bacalhau cozido, que costumávamos comer ao menos uma vez por semana, me dava náuseas, assim como o vapor da panela onde era cozido, seu sabor e sua consistência. O mesmo valia, naturalmente, para hadoque cozido, arenque cozido, linguado cozido, cavala cozida e perca-do-mar cozida. O gosto da sardinha, no entanto, não era tão ruim, e o tomate eu tolerava imaginando que estava comendo ketchup, mas a consistência e, pior de tudo, a cauda escorregadia das sardinhas, eu as achava nojentas. Para minimizar o contato com elas, costumava cortá-las em pedaços, empurrá-las para a borda do prato, espalhar molho na crosta do pão, enfiar as caudas bem no centro e em seguida dobrar a fatia ao meio. Dessa forma eu

conseguia mastigar algumas vezes sem sequer encostar nas caudas, e depois mandava tudo para baixo com uns goles de leite. Se meu pai não estivesse por perto, como naquela noite, era bem provável que eu enfiasse as caudas no bolso da calça.

Yngve franzia o cenho e balançava a cabeça quando eu fazia isso. Depois sorria. Eu retribuía o sorriso.

Na sala papai se reclinava na poltrona. E então se ouvia o leve chacoalhar de uma caixa de fósforos, no instante seguinte o riscar fugaz da cabeça de enxofre na superfície áspera e o estalo antes da chama, que parecia se misturar ao silêncio que sobrevinha. Quando o odor do tabaco tomava conta da cozinha, segundos depois, Yngve se inclinava para abrir a janela, o mais silenciosamente possível. Os ruídos provenientes da escuridão lá fora alteravam toda a atmosfera na cozinha. De repente ela se transformava numa parte da paisagem. *É como se estivéssemos sentados num penhasco*, pensei. O pensamento arrepiou os pelos do meu antebraço. O vento uivava pela floresta e açoitava os arbustos e árvores no jardim lá embaixo. Do cruzamento das ruas vinham as vozes dos garotos conversando, ainda montados em suas bicicletas. No alto da colina em direção à ponte uma motocicleta mudava de marcha. E bem ao longe, como que pairando acima de todo o resto, o ruído do motor de um barco entrando no fiorde.

Claro. Ele me *ouviu!* O barulho dos meus passos sobre o cascalho!

“Vamos trocar?”, sussurrou Yngve, apontando para a fatia com queijo temperado com cravo.

“Vamos”, eu disse. Aliviado por ter decifrado o enigma, engoli com um pouco de leite o último pedaço do sanduíche de sardinha e passei a comer a fatia que Yngve pusera no meu prato. Era preciso racionar o leite até a última fatia, pois, se o copo estivesse vazio, ficava impossível deglutiir. O melhor de tudo era,

naturalmente, economizar até que não houvesse mais fatias, beber leite nunca foi tão gostoso, ele já não estava ali para desempenhar uma função, apenas escorria garganta abaiixo, puro e incontaminado, mas essa era uma façanha que eu quase nunca conseguia realizar: as vicissitudes sempre triunfavam sobre as promessas do futuro, por mais tentadoras que estas fossem.

Mas Yngve conseguia. Ele era um mestre na arte do racionamento.

Na casa de Prestbakmo, o barulho de saltos de bota nos degraus. E então três gritos curtos cortando o silêncio da noite.

“Geir! Geir! Geir!”

A resposta partiu da entrada de carros diante da casa de John Beck, após uma demora que todos que ouviram consideraram proposital.

“Diga”, ele gritou.

Logo em seguida seus passos ecoaram lá fora. Assim que chegaram ao muro de Gustavsen, papai se levantou. Algo na maneira como ele atravessou a sala me deixou desconfiado. E também a Yngve. Papai entrou na cozinha, foi até o balcão, inclinou-se para a frente sem dizer nada e fechou a janela com força.

“Nós deixamos a janela fechada à noite”, disse ele.

Yngve assentiu.

Papai olhou para nós.

“E agora tratem de comer”, disse.

Assim que ele voltou lá para dentro, eu pisquei para Yngve.

“Ha-ha”, sussurrei.

“Ha-ha?”, sussurrou ele de volta. “Era com você que ele estava falando.”

Ele estava duas fatias à minha frente, e, quando terminasse, poderia se levantar e se enfiar no quarto, enquanto eu ainda tinha muito que mastigar. Estava planejando ir até a sala depois

do jantar e dizer a papai que no noticiário da noite certamente exibiriam a reportagem com o rosto no mar, mas naquelas circunstâncias talvez fosse melhor abandonar esse plano.

Ou não?

Decidi improvisar. Quando saía da cozinha, costumava ir até a sala apenas para lhe dar boa-noite. Se seu tom de voz estivesse neutro ou, na melhor das hipóteses, amistoso, eu tocaria no assunto. Do contrário, não.

Infelizmente ele estava sentado no sofá, no fundo da sala, e não numa das duas poltronas de couro diante da TV, como de hábito. Para entrar em contato com ele, eu não poderia apenas virar a cabeça na sua direção e dar um boa-noite apressado, como faria se ele estivesse numa das poltronas de couro, mas seria obrigado a dar vários passos pela sala. Isso chamaria sua atenção para o fato de que eu tinha outra coisa em mente, é claro. Como o plano de parecer natural fora frustrado, eu teria que agir independentemente do tom de voz com que ele respondesse.

Só fui perceber isso depois de sair da cozinha e, como a incerteza me detinha, de repente me vi sem escolha, pois ele naturalmente ouviu que eu parei, e isso sem dúvida o levou à conclusão de que eu queria alguma coisa dele. Então dei os quatro passos que faltavam para entrar no seu campo de visão.

Ele estava de pernas cruzadas, as costas apoiadas no encosto do sofá, a cabeça levemente inclinada para trás, repousando sobre os dedos entrelaçados. Seu olhar, que parecia estar concentrado no teto, se voltou para mim.

“Boa noite, papai”, eu disse.

“Boa noite.”

“Tenho certeza que eles vão mostrar a mesma imagem no noticiário da noite. Achei que devia te lembrar. Assim você e mamãe também poderiam ver.”

“Que imagem?”

“A do rosto.”

“Rosto?”

Eu devia estar com a boca aberta, pois de repente ele abriu e fechou a sua de um modo que entendi que estava me imitando.

“A imagem que eu te falei”, eu disse.

Ele fechou a boca e se endireitou sem tirar os olhos de mim.

“Já chega de bobagens sobre essa conversa de rosto.”

“Está bem.”

Virei-me e me dirigi ao corredor, sentindo a força que aquele olhar exercia sobre mim. Escovei os dentes, tirei a roupa e vesti o pijama, acendi a luminária acima da cama antes de apagar a luz principal e comecei a ler.

Só tinha permissão para ler durante meia hora, até as dez, mas costumava fazê-lo até mamãe chegar em casa, por volta das dez e meia. Assim foi naquela noite. Quando ouvi o fusca subindo a colina desde a rua principal, pus o livro no chão, me deitei e apaguei a luz para escutar no escuro: a porta do carro se fechando, os passos sobre o cascalho, a porta da frente sendo aberta, o casaco e o cachecol sendo tirados, os passos na escada... A casa parecia diferente quando ela estava ali, e o incrível é que eu podia *perceber* isso, caso tivesse caído no sono antes de ela chegar e acordasse no meio da noite, eu conseguia sentir que ela estava em casa, algo na atmosfera se modificava sem que eu pudesse precisar o quê, apenas experimentava uma sensação de reconforto. O mesmo ocorria nas ocasiões em que ela voltava mais cedo que o planejado e eu estava fora: no instante em que punha os pés em casa, sabia que ela havia chegado.

Claro que eu queria lhe contar, ela, sim, teria compreendido a história do rosto, mas não era uma necessidade premente. O mais importante era que ela estava ali. Ouvi-a pondo o chaveiro na mesinha do telefone antes de subir as escadas, abrir

a porta de correr, dizer algo para papai e tornar a fechá-la. Às vezes, sobretudo depois dos plantões nos fins de semana, ele preparava uma refeição para quando ela chegasse. De quando em quando ouviam discos. Muito raramente o dia amanhecia com uma garrafa de vinho vazia na bancada da cozinha, sempre da mesma marca, vinho tinto ordinário, outras raras ocasiões era cerveja, também sempre da mesma marca, duas ou três garrafas da cervejaria Arendal, frascos marrons de setecentos mililitros com o veleiro amarelo no rótulo.

Mas não naquela noite, o que me encheu de satisfação. Quando jantavam juntos, não viam TV, e isso era um pré-requisito caso eu fosse mesmo levar a cabo o meu plano, tão simples quanto ousado: alguns segundos depois das onze eu sairia da cama sorrateiramente, avançaria pé ante pé pelo corredor, abriria uma fresta da porta de correr e assistiria ao noticiário noturno dali mesmo. Jamais havia feito nada parecido, nem sequer em pensamento. Se não tinha permissão para fazer alguma coisa, eu não fazia. Nunca. Nem uma única vez fiz algo que meu pai proibira. Não conscientemente, pelo menos. Mas isso era diferente, não se tratava de mim, mas deles próprios. Afinal eu já tinha visto a imagem do rosto no mar, e não precisava vê-la mais uma vez. Só queria descobrir se eles veriam a mesma coisa que eu vira.

Foi com isso em mente que me deitei no escuro, mantendo os olhos fixos no mostrador verde do despertador. Quando tudo estava quieto como agora, dava para ouvir os carros na rua principal. Uma corrida acústica que começava assim que eles passavam pelo alto da colina, defronte ao B-Max, o supermercado novo, prosseguiam rumo ao cruzamento próximo ao vilarejo de Holtet, passavam pelo acesso à Gamle Tybakken e subiam até a ponte, onde a corrida terminava da mesma maneira que havia se iniciado meio minuto antes.